

Desafios e perspectivas do professor na alfabetização e letramento na era do ensino remoto

Challenges and perspectives of the teacher in literacy and literacy in the era of remote teaching

Sebastiana da Silva Santana¹

Submetido em: 06/12/2022

Aprovado em: 07/12/2022

Publicado em: 14/12/2022

DOI: 10.51473/rcmos.v2i2.456

RESUMO

O presente artigo trata sobre o tema dos desafios e perspectivas dos professores na alfabetização e letramento no ensino remoto. Os rumos educacionais impulsionados pela pandemia da Covid-19 acarretaram diversos desafios para a prática docente desta maneira, professores, inesperadamente se depararam com o ensino remoto, tendo que ressignificar a forma de fazer a educação. Por isso, o artigo traz reflexões acerca do ensino, assim como demonstra a necessidade de inferir ações inovadoras. Para tanto, dominar as tecnologias digitais é assumir posturas que estimulem a criatividade, o pensamento crítico, é repensar o que se pretende para as turmas de alfabetização. Este estudo tem como objetivo compreender como vem se dando os processos de ensino e aprendizagem na etapa de alfabetização e letramento durante o Ensino Remoto, buscando identificar suas realidades e os principais desafios vivenciados pelos professores alfabetizadores. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica apoiando-se em artigos científicos, BNCC, plano da PNA e sites educacionais e diversos autores como, Soares, Gil, Libâneo, entre outros. Com a análise dos dados coletados pode-se concluir que com o ensino remoto, muitas crianças em fase de alfabetização não têm acesso à internet, nem possuem aparelhos eletrônicos em casa, a falta de motivação das crianças e da família por não auxiliarem nesse processo torna-se inviável se efetivar a alfabetização. Também é evidenciado que os educadores tenham uma formação continuada com relação às TICs, objetivando dar subsídios aos professores no uso, tanto instrumental, quanto pedagógico.

Palavras-Chave: Letramento. Alfabetização. Desafios. Perspectivas. Ensino Remoto.

ABSTRACT

This article deals with the theme of the challenges and perspectives of teachers in literacy and literacy in remote education. The educational paths driven by the Covid-19 pandemic brought several challenges to the teaching practice. In this way, teachers unexpectedly faced remote teaching, having to reframe the way of doing education. Therefore, the article brings reflections about teaching, as well as demonstrating the need to infer innovative actions. Therefore, mastering digital technologies means taking positions that encourage creativity, critical thinking, and rethinking what is intended for literacy classes. This study aims to understand how the teaching and learning processes have been taking place in the literacy and literacy stage during Remote Education, seeking to identify their realities and the main challenges experienced by literacy teachers. It is a bibliographic research based on scientific articles, BNCC, PNA plan and educational sites and several authors such as Soares, Gil, Libâneo, among others. With the analysis of the collected data, it can be concluded that with remote learning, many children in the literacy phase do not have access to the internet, nor do they have electronic devices at home, the lack of motivation of children and families for not helping in this process makes become impracticable if literacy becomes effective. It is also evidenced that educators have a continuing education in relation to TICs, aiming to provide subsidies to teachers in their use, both instrumental and pedagogical.

Keywords: Literacy. Literacy. Challenges. Perspectives. Remote Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O aprendizado da leitura e da escrita é o marco fundamental em que se regem os objetivos da inserção da criança na escola. Se tais habilidades são aprendidas no tempo certo, o desenvolvimento nos sucessivos anos escolares poderá se desenrolar de uma forma mais satisfatória, tanto para os alunos quanto para os professores, pois a base de todo o ensino escolar é fundamentada na aquisição e no domínio dos processos de leitura e de escrita.

Na atualidade, a educação pública vive diversos desafios, dentre os quais os que se referem à alfabetização, ao letramento e às novas tecnologias. Para tanto, discutir sobre o processo de alfabetizar é antes de tudo, ressignificar a educação, principalmente, diante a atual situação das aulas, porque educar é refletir, é compreender que os desafios que surgem são molas potentes para impulsionar a reestruturação de ensino falido para um ensino inovador.

¹ Mestre em Ciências da Educação. E-mail: sebastianasilvas@hotmail.com.

O processo de alfabetização que já era bastante desafiador, ganhou proporções ainda maiores com a chegada do novo Corona vírus. Esse cenário da educação vem se desenhando desde 2020 e é reflexo do impacto que a pandemia do novo Corona vírus (Sars-Cov-2) tem atingido a esfera global. Com a velocidade da contaminação pelo vírus, medidas de distanciamento, isolamento social e quarentena, ocorreram mundialmente e se fez necessário a paralisação das aulas presenciais e a implantação de modelos de ensino a distância.

Essa alternativa foi essencial para que os alunos não ficassem sem aulas e o ano letivo não fosse totalmente prejudicado. Entretanto, tanto os professores quanto os alunos tiveram que lidar com novos desafios para manter a qualidade do ensino e, em alguns casos, conciliar os problemas já existentes no ensino público com os recentes problemas criados pelo ensino remoto; as dificuldades são enormes, mas algumas possibilidades foram sendo implementadas.

É necessário entender que o uso das tecnologias pode provocar mudanças na concepção de novas metodologias para a educação, favorecendo a construção de ambientes de aprendizagem que exploram o potencial das tecnologias da direção de ambientes ricos, contextualizados, personalizados, acessíveis e significativos.

Assim, os professores estão adequando e adaptando-se a esses meios de forma rápida e prática, exercendo esse novo tipo de letramento, que durante muito tempo foi temido por diversos profissionais da área. Alguns o temiam pela falta de prática, outros por não terem conhecimentos e instruções suficientes para usá-los. A falta de recursos como um bom celular, computador ou uma internet boa, ainda fazem parte dos causadores dessa insegurança.

Durante o período de quarentena, mais do que nunca os docentes de forma rápida e criativa tiveram que inovar e adaptar-se ao ensino remoto, ministrando diretamente de sua residência aulas online. E novamente mostram que além das teorias, metodologias e técnicas de ensino aprendidas na universidade, a docência se aprende na prática também.

Ser professor é ter a responsabilidade de mostrar aos seus alunos a importância de conhecer diferentes facetas na forma de ensinar fazendo com que a informação chegue até eles proporcionando uma nova forma de adquirir conhecimentos, sem desistir da aprendizagem em meio às dificuldades e novidades encontradas no caminho.

Os professores precisam reinventar-se diariamente, criar estratégias e abraçar a tecnologia, pois estão engajados para que aconteça a continuidade do ensino que estava sendo feito de forma presencial, sendo também uma forma de aproximação dos alunos neste momento. Mídias e novas tecnologias estão muito presentes e ao mesmo tempo muito distantes na vida de alguns docentes.

Sendo assim, buscando contribuir na construção dessa nova identidade docente, o presente estudo traz como objetivo geral analisar a forma como o letramento se modificou e está relacionado no contexto do ensino híbrido. Diante disso, os objetivos específicos são: a) Conceituar os desafios dos professores em meio a pandemia e de que forma enfrentar os deveres e dilemas desta profissão; b) Descobrir quais competências se fazem necessárias aos professores na construção e troca de conhecimentos a distância; c) Verificar as práticas de letramento que os professores estão utilizando em época de pandemia.

Mas existem percalços nesse processo que demandam do professor estratégias e sedimentação de todos os conhecimentos adquiridos para poder alfabetizar e letrar os alunos, conforme exigem as Diretrizes Curriculares no campo da leitura e da escrita. Com isso, esse trabalho se debruça sobre a seguinte questão: Quais são os desafios e como os professores demovem conhecimentos/estratégias para enfrentá-los no processo de alfabetizar letrando crianças na era remota?

Com isso, temos como objetivo geral compreender como vem se dando os processos de ensino e aprendizagem na etapa de alfabetização e letramento durante o Ensino Remoto, buscando identificar suas realidades e os principais desafios vivenciados pelos professores alfabetizadores.

O interesse pelo tema adveio não só do entendimento que se tem de que é necessário aprofundar a discussão sobre a importância de alfabetizar e letrar durante as séries iniciais, da experiência como educadora, mas também do momento atual da pandemia. A alfabetização é um dos marcos mais significativos na vida escolar. Aprender a ler e escrever abre o caminho para toda a aprendizagem do aluno e ajuda a tomar posse da sua própria identidade.

2 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Diversos autores abordam as concepções de alfabetização e letramento, e nessa seção serão apresentados alguns destes. Soares (2011) não vê como complementar à alfabetização o processo de letramento, mas ambos como partes indivisíveis de um mesmo processo.

Para Costa (2020), a alfabetização é um processo que não se finda, uma vez que a sociedade está em constante mudança, e está fortemente ligada à instrução formal, ou seja, às instituições e práticas escolares. Já Paulo Freire compreendia a alfabetização numa concepção mais ampla. Para ele “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2017, p. 10).

Para Abreu e Miranda (2007), quando o conceito de letramento começou a se expandir, a alfabetização foi reduzida simplesmente à decodificação, concluindo que o letramento é o produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico.

Rosini (2007) por sua vez sugere que até por ser uma palavra recente, nem sempre são idênticos os significados que lhe vêm sendo atribuídos, assim como os objetivos com que é utilizada”. Para Silva (2008), o letramento é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos e para objetivos específicos.

Nesta mesma perspectiva, Moran (2000, p. 25) afirma que “o letramento envolve as mais diversas práticas da escrita na sociedade [...] o letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita”.

Desse modo, pode-se inferir que uma das principais diferenças entre a alfabetização e o letramento é a qualidade do domínio sobre a leitura e a escrita, pois enquanto o sujeito alfabetizado sabe codificar e decodificar o sistema de escrita, o sujeito letrado vai além, sendo capaz de dominar a língua no seu cotidiano, nos mais distintos contextos.

A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora. (FREIRE, 1979, p. 13)

Com a perspectiva de Paulo Freire podemos entender que o ato de alfabetizar precisa romper com métodos mecânicos que tornam a aprendizagem fria e sem sentido, pois um aprender pautado em meras repetições não são capazes de levar o indivíduo a pensar criticamente. De certa forma, a educação deste ano está sendo completamente diferente para as classes de alfabetização e todas as outras, mas o que não pode negar é o quanto esse momento veio para ressignificar a educação (COSTA, 2020).

2.1 ALFABETIZAÇÃO COMO ETAPA DE ENSINO

A alfabetização tem sido bastante discutida pelos que se preocupam com a educação, tanto nas questões legais como nas possibilidades e desafios a respeito dessa etapa de aprendizagem. Nestas últimas décadas, tem se observado as mesmas dificuldades de aprendizagem, as inúmeras reprovações, temos vivenciado a dura realidade que muitas crianças têm concluído sua escolarização sem estarem alfabetizadas (BRASIL, 2018).

A alfabetização faz parte do primeiro ciclo do ensino fundamental, devendo acontecer a partir do 1º até o 2º ano do Ensino Fundamental. A educação brasileira passou por várias mudanças, no entanto, não ocorreram apenas nos níveis de ensino, no que se refere à alfabetização, aconteceram também na forma como se passou a encarar essa etapa estudantil, que passou a ser objeto de estudo intenso por parte de professores e teóricos da educação (OROFINO, 2005).

Sem contar o fato de que o Ensino Fundamental que antes era de oito anos, passou a ser de nove anos, incorporando a etapa da alfabetização, que antes pertencia à Educação Infantil.

Essa mudança aconteceu num contexto de políticas educacionais de expansão do ensino obrigatório e da democratização da escola. Incorporando a alfabetização ao Ensino Fundamental, essa passou a ser obrigatória e a ser o 1º ano do Ensino Fundamental (SOARES, 2011).

Conforme cita o Ministério da Educação (MEC) sobre o ensino de nove anos pode-se ver o ensino fundamental de nove anos como mais uma estratégia de democratização e acesso à escola. A Lei nº. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, assegura o direito das crianças de seis anos à educação formal, obrigando as famílias a matriculá-las e o Estado a oferecer o atendimento (BRASIL, 2018).

3

Considerando o novo cenário educacional, a entrada aos seis anos no Ensino Fundamental, que anteriormente era aos sete anos, desafiou educadores e pesquisadores a definir claramente o que se espera da escola nos anos iniciais de escolarização.

Exigindo profundas reflexões e investigações que buscassem dar conta do imenso leque de questionamentos dirigidos ao currículo, à organização das práticas e aos espaços físicos para inclusão da criança pequena na escola dos anos iniciais. Ao passo que começou a ser obrigatório, passou ter um controle mais rigoroso para que não houvesse tanta evasão escolar (SOARES, 2020).

Paralelas a essas mudanças estão as práticas educacionais dos professores, exigindo cada vez mais que sejam reflexivos e construtivistas e que busquem se aperfeiçoar através de novas práticas de ensino; por meio de cursos de formação e capacitação.

Em sua efetivação, a ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos exige mudanças na escola, na proposta pedagógica, no material didático, na formação de professores, bem como nas concepções de espaço tempo escolar, currículo, aluno, professor e metodologias (COSTA, 2020).

A transição da criança de seis anos da educação infantil para o Ensino Fundamental não é apenas uma questão política normativa, mas sobretudo uma questão pedagógica que exige o entendimento do alfabetizador sobre como ocorre o processo de aquisição da leitura e da escrita (PINTO; DIAS, 2020).

Na perspectiva da construção do conhecimento não dissocia o ato de alfabetizar e letrar e ainda realiza uma mediação condizente com o nível de conceitualização da criança. Sendo assim, não necessariamente o domínio da alfabetização deve ocorrer na série ou fase introdutória (HODGES *et al.*, 2020).

Aceitar esse fato natural significa respeitar as necessidades das crianças nos diversos espaços sociais que ela convive e viabilizar de forma tranquila e harmoniosa o seu processo de escolarização (ABREU; MIRANDA, 2007, p. 9).

Os últimos anos com o aumento de ofertas de formação continuada pelo Ministério da Educação e Secretarias de Educação para professores da Educação Básica provocou a explicitação de diferentes perspectivas acerca da alfabetização, favorecendo uma reflexão e um fazer desses atores, sobre as realidades diversas das escolas brasileiras, na busca de estratégias mais palpáveis e que atendam as diversidades (ROSINI, 2007).

Soares (2011) afirma que as mudanças de paradigmas na área da alfabetização, trouxe novos de pressupostos e objetivos, alterando fundamentalmente a concepção do processo de aprendizagem e apagando a distinção entre aprendizagem do sistema de escrita e práticas efetivas de leitura e de escrita, necessitando readequação dessas concepções nas práticas docentes.

Por isso, deve ser constante a busca por cursos de formação continuada, pois nesse contexto entram as mudanças que estão ocorrendo na educação como a reformulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que rege a educação brasileira. Um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2018).

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (SILVA, 2008).

A Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, pode ser considerada um marco na educação brasileira. O tema da alfabetização, fundamental para a vida escolar e para o pleno exercício da cidadania, é trazido com toda o vigor para o centro da política pública educacional do país (BRASIL, 2018).

A PNA preconiza em seus artigos que a alfabetização no Brasil deverá basear-se em evidências científicas; que deve haver centralidade do papel da família na alfabetização; considera a alfabetização como instrumento de superação de vulnerabilidade social; tem como objetivos principais a promoção da cidadania por meio da alfabetização, elevar a qualidade do ensino da aprendizagem e contribuir para alcançar as metas 5 e 9 do PNE; suas diretrizes são: Estímulos aos hábitos de leitura e escrita (BRASIL, 2018).

A elaboração da PNA surge como um esforço do Ministério da Educação para melhorar os processos de alfabetização no Brasil e os seus resultados. Define alfabetização como o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético.

2.2 PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NO PERÍODO DE PANDEMIA

4

Como falamos anteriormente, muitos são os desafios enfrentados pelos docentes no processo de alfabetização de crianças, com a suspensão das aulas presenciais por conta da pandemia da Covid-19, aumentaram os desafios. Contudo foram acentuados, devido ao ensino remoto, com a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, com atividades não presenciais síncronas e assíncronas (COSTA, 2020).

Diferentes tipos de letramentos estão ocupando um espaço cada vez maior na vida das pessoas, e por este ser considerado um ano atípico devido a pandemia, foi possível perceber o quanto existem pessoas letradas em algumas coisas e para outras ainda necessitam aperfeiçoar o seu nível de letramento.

A necessidade do uso de recursos digitais é um exemplo disso. Estão ocorrendo diversas modificações no ato de ler e escrever em virtude da revolução das tecnologias digitais, dessa cultura digital na qual estamos imersos. Tem-se um grande fluxo de informações e textos, sendo o leitor instigado a selecionar, recortar e eleger os textos relevantes, e essas seriam, capacidades do letramento digital (GUALDA, 2019).

Na mesma perspectiva Soares (2011), defende a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que delas fazem uso em suas práticas de leitura e escrita. A partir da ideia de diferentes formas de letramento, a autora introduz o conceito de letramento digital. Ainda, segundo ela, letramento digital é o, “estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela” (SOARES, 2011).

A realidade em que estamos vivendo de uma pandemia, chegou trazendo novos desafios, afastou os alunos da escola, fazendo com que agora as aulas fossem ministradas a distância. Colocou em prova a prática pedagógica e conhecimentos tecnológicos de cada docente, entre tantas outras coisas.

Os professores estão esgotados pelo excesso de tarefas, angustiados com alunos que não possuem acesso aos meios tecnológicos. Preocupados com aqueles que acabaram ficando totalmente desmotivados e estão se afastando da escola, cobranças e muitas vezes impaciência das famílias são fatores que também estão na lista dos desafios enfrentados por estes profissionais (HODGES, 2020).

Segundo o levantamento feito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), 1,5 bilhão de jovens estiveram sem aulas presenciais no mundo inteiro. Isso significa que no mundo inteiro, professores tiveram que se reinventar para continuar atendendo seus alunos.

O ensino a distância mostra que existe uma rejeição, falta habilidades de alguns profissionais para utilizar os recursos tecnológicos tão necessários no momento. Ao mesmo tempo, falta oferecimento e capacitação por parte das instituições e do próprio governo (PINTO; DIAS, 2020).

Estamos vivendo um momento inédito, onde professores tiveram que abrir o íntimo dos seus lares para oferecer aulas aos seus alunos. Professores que tinham pouco ou nenhum contato com o letramento digital, precisaram planejar aulas mediadas por telas, em alguns casos tendo e em outros não o assessoramento pedagógico necessário.

Estamos na época de descobrir o funcionamento dessas ferramentas tecnológicas, são novos obstáculos que não eram comuns nos encontros presenciais, como problemas de conexão e engajamento dos alunos à distância. O próprio letramento nos remete a uma constante atualização e domínio de novas habilidades (COSTA, 2020).

Os novos letramentos são como uma reinvenção social, pois interferem diretamente nas relações sociais que passam a ser intensificadas. Um dos maiores desafios que estamos vivendo na área da educação, com certeza é a necessidade de adaptação a uma situação para a qual ninguém estava preparado (SILVA, 2008).

Há algumas inseguranças geradas pelo letramento digital e/ou eletrônico entre o corpo docente, como por exemplo, as questões mais técnicas, fazer lives, gravar vídeos, entre outros, somam-se a preocupação com a participação dos estudantes, do engajamento deles em aprender, o envolvimento e participação nas atividades propostas, se estão conseguindo ter acesso ao que lhes é ofertado no momento e de que forma estão encarando tudo isso (SOARES, 2020).

Sem falar na frustração dos professores que até agora não conseguiram contatar seus alunos. Letrar e alfabetizar a distância passaram a ser a única forma de dar continuidade ao ensino em tempo de pandemia.

Autores como Rosini, que é um dos representantes dos novos estudos do letramento no Brasil, apontam que os letramentos digitais tanto são afetados, quanto afetam as culturas nas quais são introduzidos, de modo que seus efeitos sociais e cognitivos variam em função dos contextos socioculturais e finalidades envolvidas na sua apropriação (ROSINI, 2007).

Cabe a cada profissional descobrir se está letrado ou apenas alfabetizado na nova forma digital de ministrar aulas e fazer uso dos recursos disponíveis. Logo, buscar um aperfeiçoamento que irá facilitar o desenvolvimento de suas aulas.

5

Portanto, ao voltar ao ensino presencial, não podemos deixar a tecnologia de lado, agora mais do que antes deverá fazer parte do nosso cotidiano. Facilitando a interação com os alunos, incentivando a pesquisa e transmitindo conteúdo de uma forma mais atualizada (ABREU; MIRANDA, 2007).

Com a pandemia enfrentada este ano, as escolas tiveram que fechar, mas as aulas não pararam. A necessidade de fazer com que crianças e adolescentes continuassem aprendendo fez com que surgisse o ensino remoto de “emergência”.

No início não foi fácil tanto para o corpo docente quanto para as famílias e os alunos, que tiveram que adaptar-se ao novo de forma rápida e com muita flexibilidade. Adaptando seu tempo, local, modo e ritmo de

estudos. Surge então na vida de todas estas pessoas o ensino híbrido (COSTA, 2020).

No ensino híbrido o professor não é o centro do processo, ele é o mediador entre os alunos e o conhecimento. É aquele que faz uso das metodologias ativas, fazendo com que os alunos desenvolvam habilidades e competências de forma mais autônoma (HODGES *et al.*, 2020).

O ensino híbrido permite que os alunos produzam seus conhecimentos e façam uso da tecnologia como uma ferramenta evolutiva para a aprendizagem, sem deixar de ter a interação e acompanhamento do professor, conforme Freire destaca: “ensinar não é transferir conhecimento, não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido” (FREIRE, 2012, p. 27).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), define como competência geral da educação básica: 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas, exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018).

Sendo assim, o ensino híbrido passa a ser um agente transformador na escola atual, pois estará com maior foco no real interesse dos alunos, mais conectado com suas necessidades, trazendo maior engajamento dos alunos nas atividades.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica apoiando-se em artigos científicos, BNCC e sites educacionais e diversos autores como, Soares, Gil, Libâneo, entre outros. Os artigos, as teses e dissertações foram objetos de investigação desse estudo, retirados de sites e obras idôneas e reconhecidos pela confiabilidade

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo e bases de dados (GIL, 2010).

Como critérios de inclusão, foram utilizadas apenas as referências publicadas em idioma português, com textos completos para acesso nas bases de dados atualizados, publicações cujos objetivos fossem a identificação ou a descrição do assunto abordado. Foram excluídas publicações com outros idiomas, bem como publicações que embora dentro da temática, não davam resposta aos objetivos do estudo, ou o texto não se encontrava na íntegra.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os desafios sempre fizeram parte desta profissão, o mundo evoluiu e o professor precisou acompanhar esta evolução. Mais do que nunca os aparatos digitais e tecnológicos estão presentes na vida destes profissionais e seu uso acaba sendo mais do que nunca necessário, o que acaba também dificultando seu uso por parte de alguns profissionais, pois sabemos que nem todos possuem conhecimento suficiente ou sequer faziam uso frequente desses recursos (COSTA, 2020)

Hodges *et al.* (2020) frisam que é necessário que haja orientação com relação ao letramento digital, pois como Silva fala na citação acima, a escola precisa participar ativamente e não “fechar os olhos” para a nova era tecnológica que estamos vivendo, as mudanças são visíveis não apenas dentro da escola, mas em diferentes situações do nosso dia a dia.

Por isso a necessidade de atualização, de conhecimento dessas novas práticas de letramento. De acordo com as respostas obtidas no questionário, algumas professoras receberam e outras por conta própria, tiveram que buscar capacitações e informações para utilizar de forma adequada e mediadora os recursos tecnológicos como meio de conseguir ministrar suas aulas e alcançar seus alunos durante este período de pandemia (GUALDA, 2019).

6

Neste cenário em que estamos vivendo foi possível perceber mais do que nunca os desafios enfrentados pelos professores, suas dificuldades aumentaram, porém o compromisso de ensinar, a responsabilidade com a continuação do processo de ensino aprendizagem foram potencializadas neste período de isolamento social (SOARES, 2020).

A ação dos professores frente às novas práticas de multiletramentos, sua busca e interesse na realização das atividades remotas fizeram com que os alunos passassem a ser protagonistas da sua aprendizagem.

Fica assim evidente, que a educação após tudo isso deverá ser repensada quanto a sua prática pedagógica

encarando o ensino híbrido como uma possibilidade de maior envolvimento e resultados satisfatórios no que se refere a aprendizagem dos alunos (COSTA, 2020).

A tecnologia passou a ser necessária e já considerada uma nova tendência na educação por tornar as aulas mais atraentes, divertidas e interativas. A nova realidade possibilita ao professor levar seus alunos onde quiser, viajar pelo mundo, aprofundar seus conhecimentos sem sair de casa.

É uma forma facilitadora de juntar o que precisa ser trabalhado com aquilo que é do interesse do aluno. Nosso maior desafio é ensinar numa sociedade que evolui rapidamente, que apresenta a tecnologia como uma das formas de alcançarmos uma educação de qualidade (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2005).

Contudo, não podemos esquecer que para obtermos o sucesso pedagógico é necessário que os professores recebam capacitações, formações sobre como utilizar esses recursos, o trabalho colaborativo da própria escola, de sua secretaria de educação ou rede mantenedora são fundamentais para tornar seus profissionais letrados digitalmente (OROFINO, 2005).

Deve-se estar em constante busca, temos muito a aprender, bem mais do que propriamente ensinar. Durante este período de pandemia a tecnologia nos mostrou que é possível ensinar e aprender de forma remota, a tecnologia substituiu o espaço físico da escola, mas não há tecnologia que substitua o importante papel do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo constatamos que a alfabetização é um processo contínuo e que alfabetizar e letrar são práticas que precisam ser desenvolvidas juntas, como um processo contínuo que se constitui conforme a criança se desenvolve e exige um esforço maior do professor para que a criança desenvolva as habilidades e competências para estar alfabetizados até os oito anos de idade.

Com o ensino não presencial por conta da pandemia do Coronavírus, em um curto período, toda a comunidade escolar passou por uma aceleração e uma imersão em um mundo de conhecimento e competência que, por vezes, não se havia dado a real importância e que, em ritmo normal de processo, levaria bem mais tempo para se concretizarem.

Pode-se perceber que a alfabetização fora do ambiente escolar só logrará êxitos se os pais ajudarem nesse processo de ensino aprendizagem, pois além do professor ser um mediador, ainda tem uma responsabilidade maior de incentivar e orientar os pais para dar continuidade a essa etapa de escolarização.

A educação é uma ação de todos os atores envolvidos, família, escola, professores e alunos; se essa ação já é determinante em tempos de aulas presenciais, ganha ainda mais relevância nesse período de pandemia.

Diante de todos os enfoques abordados no presente estudo, contribuindo, assim, com o desenvolvimento do alfabetizando desde o início de sua vida escolar, a alfabetização se consolida com a inclusão de várias possibilidades de leitura de mundo e de vida, ressaltando o diálogo com outros textos, imagens, sons e múltiplas linguagens direcionando o olhar para os recursos digitais enquanto facilitadores de aprendizagem.

Também é evidenciado que os professores tenham uma formação continuada com relação às TICs, objetivando dar subsídios aos professores no uso, tanto instrumental quando pedagógica é uma forma de manter a educação e, por conseguinte a escola em um ambiente propício às atividades não presenciais, mantendo o processo de aprendizagem com bons resultados.

Faz-se necessário elaborar políticas públicas para que todos tenham acesso aos recursos tecnológicos principalmente com relação às tecnologias educacionais, havendo a necessidade de uma efetivação facilitem o acesso de todos os estudantes.

Diante dos inúmeros desafios, que poucos não são, frisamos que nesse tempo ou em qualquer outro, o ensino deve transcender o caráter conteudista e tradicional, para assumir o que há de mais belo uma educação que seja capaz de ensinar muito mais do letras.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.M.O de; MIRANDA, M.I. Ensino Fundamental de Nove Anos no município de Uberlândia: Quem é a criança de seis anos? **VIII Seminário Nacional “O Uno e o Diverso na Educação Escolar”** – Uberlândia: EDUFU, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://cieb.net.br/pesquisaanalisa-estrategias-de-ensino-remoto-desecretarias-de-educacaodurante-a-crise-da-covid-19/>. Acesso em: 16 ago. 2021.

- COSTA, N. O papel da educação integral em tempos de crise. **Centro de Referências em Educação Integral**, 2020. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/o-papel-daeducacao-integral-em-tempos-de-crise-por-natacha-costa/>. Acesso em: 22 set. 2021.
- GIL, A.C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: atlas, 2010.
- GUALDA, L.C. Educador 4.0: impactos da revolução tecnológica na prática docente. **Revista de Humanidades Tecnologia e Cultura**. Faculdade de Tecnologia de Bauru, v. 9, n. 1. dez. 2019. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/professores-e-gestores/30754-desafios-da-educacaoem-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 11 out. 2021.
- HODGES, C et al. A diferença entre ensino remoto de emergência e aprendizagem online. **Educause**. Review. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergencyremote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 15 out. 2020.
- MORAN, J.M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MORAN, J.M; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas. Papirus, 2003.
- OROFINO, M.I. Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. **Guia da escola cidadã**. vol. 12. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- PINTO, F.C.F, DIAS E. A Educação e a Covid19, **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v28n108/1809-4465-ensaio-28-108-0545.pdf>... Acesso em 11 de novembro de 2020.
- ROSINI, A. M. **As Novas Tecnologias da Informação e a Educação a Distância**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- SILVA, E. T. **Unidades de leitura**: trilogia pedagógica. 2 ed. campinas: Autores associados, 2008.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SOARES, M. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Entrevista no canal Futura. 2020. Disponível em <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-apandemia/>. Acesso em: 10 nov. 2020